

Há um dado curioso em que não é habitual reparar: entre os grandes grupos linguísticos do mundo, o do português é o único em que não há dois países que partilhem uma única fronteira. As nações que pertencem aos maiores grupos linguísticos do mundo, como os do espanhol, francês, árabe, alemão e os de inglês têm em múltiplos casos fronteiras partilhadas entre si. Nos países falantes da língua portuguesa não há vizinhos. Fica, assim, verdadeiramente, mais do que todas as outras, a língua portuguesa "pelo mundo em pedaços repartida", imitando a vida do poeta que dela costumava funcionar como símbolo.

O português encontra-se, pois, hoje num mundo globalizado, num mundo sem as fronteiras físicas e comunicativas que sempre teve até há poucas décadas. Para as línguas, esta nova configuração é simultaneamente promissora e ameaçadora: se muitas têm desaparecido, outras reforçam a sua presença e atratividade global.

José Teixeira, "Introdução"

**O PORTUGUÊS COMO LÍNGUA
NUM MUNDO GLOBAL**
PROBLEMAS E POTENCIALIDADES

JOSÉ TEIXEIRA
O ego nêzaxo

**O PORTUGUÊS
COMO LÍNGUA
NUM MUNDO
GLOBAL**
**PROBLEMAS E
POTENCIALIDADES**

Organização
JOSÉ TEIXEIRA



hampus

Índice

- 7 **Introdução**
José Teixeira
- 15 **Efeito da proximidade linguística no comércio internacional: o português no conjunto das línguas globais**
José Paulo Esperança
- 31 **Contributos para o aumento de qualidade na língua digital**
Anabela Barreiro
- 49 **Português internacional: alguns argumentos**
Diana Santos
- 67 **O português como língua pluricêntrica: indicadores linguísticos e sociais e novos métodos de investigação**
Augusto Soares da Silva
- 85 **Que gramática temos para estudar o português língua pluricêntrica?**
Hanna J. Batoreo
- 103 **Não falem português, falem brasileiros. Algumas notas sobre a noção de português como língua internacional**
Roberto Mulinacci
- 129 **Algumas reflexões sobre lusofonia - o que ela não pode, nem deve ser**
Onésimo Almeida
- 141 **Português como língua estrangeira na República Checa**
Iva Svobodová
- 161 **Um olhar sobre o processo de aquisição da linguagem através do estudo do português como língua de herança**
Cristina M. M. Flores
- 175 **Português, língua de ciência?**
José Teixeira

O presente texto corresponde à citação

Teixeira, José (2016). "O português como língua num mundo global - Problemas e potencialidades: Introdução" in Teixeira, José (2016), *O português como língua num mundo global - Problemas e potencialidades*. Centro de Estudos Lusíadas da Universidade do Minho, Braga, pp. 7-13. (ISBN: 978-989-755-209-0)

INTRODUÇÃO

Há um dado curioso em que não é habitual reparar: entre os grandes grupos linguísticos do mundo, o do português é o único em que não há dois países que partilhem uma única fronteira. As nações que pertencem aos maiores grupos linguísticos do mundo, como os do espanhol, francês, árabe, alemão e os do inglês, têm em múltiplos casos, fronteiras partilhadas entre si. Os países falantes da língua portuguesa não são vizinhos entre si. Ficou, assim, verdadeiramente, mais do que todas as outras, a língua portuguesa “pelo mundo em pedaços repartida”^[1], imitando a vida do poeta que dela costuma funcionar como símbolo.

O português encontra-se, pois, hoje num mundo globalizado, num mundo sem as fronteiras físicas e comunicativas que sempre teve até há poucas décadas. Para as línguas, esta nova configuração é simultaneamente promissora e ameaçadora: se muitas têm desaparecido, outras reforçam a sua presença e atratividade global.

A presente obra nasce de um conjunto de iniciativas levadas a cabo por uma unidade cultural da Universidade do Minho, o Centro de Estudos Lusíadas, com a finalidade de refletir sobre a situação do português neste contexto de globalização. Para além das conferências públicas e de um Colóquio efetuado, quisemos reunir um conjunto de textos que refletissem alguns aspetos ligados aos problemas que a língua portuguesa pode enfrentar e as oportunidades que pode aproveitar, como língua que tem um papel que não pode ser menosprezado neste início do século novo.

¹ Camões, poema *Junto de um seco, fero e estéril monte*.

Assim, José Paulo Esperança em “Efeito da Proximidade Linguística no Comércio Internacional: o português no Conjunto das Línguas Globais” parte precisamente da relação entre a proximidade geográfico-linguística e o comércio internacional. Mostra como esta relação que tem vindo a interessar cada vez mais os investigadores que se debruçam sobre o comércio internacional também reflete que as questões linguísticas têm uma ineludível faceta económica. Concretiza o estudo dessas conexões com variados quadros estatísticos que relacionam o PIB, a composição populacional, os intercâmbios económicos entre os vários grupos linguísticos (do alemão, árabe, chinês, espanhol, inglês e OL -outras línguas- comparando com o português) e outros ainda que mostram as trocas comerciais entre os países falantes do português. Pela análise que apresenta, deixa bem evidenciada a importância da proximidade geográfica e do uso de uma língua comum como fatores determinantes nas trocas comerciais.

Umbilicalmente ligado ao valor económico da língua e às suas estratégias de imposição na atualidade está a vertente das tecnologias linguísticas. Se a beleza da literatura garante o passado de uma língua, só o seu uso tecnológico lhe garante a sobrevivência plena no futuro. Por isso, o português tem de ser uma das línguas tecnológicas já do presente. Cada vez será maior a possibilidade de interação humano-máquina ao nível da compreensão e processamento das linguagens naturais e o português tem que ser uma dessas línguas possibilitadoras. E é essa confirmação que Anabela Barreiro em “Contributos para o Aumento de Qualidade na Língua Digital” nos dá quando apresenta algumas ferramentas e recursos linguísticos trabalhados no INESC-ID que procuram aumentar a qualidade do português em aplicações de linguagem natural. Pode parecer uma dimensão muito técnica que a tradição ligada ao estudo das línguas secundarizava. Mas a aplicabilidade de várias das ferramentas apresentadas à melhoria da tradução automática demonstra a enorme importância desta vertente para a imposição do português como língua de primeiro plano na comunicação global.

A este propósito, Diana Santos em “Português internacional: alguns argumentos” analisa o facto de o português não ser ainda uma língua de comunicação internacional, como o inglês e o espanhol ou mesmo como outras que têm menor número de falantes, como o francês. Para a autora, a estratégia de impor o português como língua internacional passa pela necessidade de o considerar pluricêntrico e variado, possibilitador de processos

comunicativos que não imponham normas nacionais mas que possibilitem a diversidade dentro da variedade dos contributos vindos dos vários centros que o constroem. Para a autora, é necessário aceitar um “português internacional” que possa admitir uma pluralidade de registos, desde os fonéticos aos morfo-sintáticos e lexicais. Isto não implica a desregulação caótica, mas antes a construção de bases comuns, como, por exemplo o trabalho de unificação terminológica em língua portuguesa.

Na verdade, o pluricentrismo da língua portuguesa é talvez a particularidade que lhe traz idiosincrasias no panorama dos grandes grupos linguísticos. Poder-se-á dizer que isso também acontece em outros casos, como no espanhol e inglês. Se globalmente isso é verdade, outras dimensões da questão acabam por evidenciar as diferenças.

No caso do inglês, o pluricentrismo é sobretudo, hoje, um duocentrismo nuclear (Estados Unidos e Inglaterra) rodeado de uma miríade de formas de realização das quais a mais usada (importante?) poderá ser uma espécie de “mistura de tudo”: o *globish*, a língua franca que supostamente o inglês global é. Por isso, a questão de “que modelo seguir” não é, na prática, um verdadeiro problema. A imensa força e o nova atratividade do inglês americano e a história e o prestígio do inglês europeu fazem com que estas duas variantes se apresentem como alternativas em que cada uma se não preocupa com a outra porque as duas formam um conjunto que domina a globalidade da comunicação.

No caso do espanhol, o peso e a tradição normativa da Real Academia, aliados ao facto de que Espanha sempre foi maior do que qualquer das suas colónias levam, na prática, a que nesta língua o pluricentrismo apareça bastante secundarizado.

Diferente situação se passa com o português. A imensidão geográfica e populacional do Brasil, quando comparado com a antiga metrópole, e os recentes processos da constituição de países independentes que optaram pelo português como língua oficial levam a que, neste momento histórico, a questão de qual a norma que se deve impor na comunicação internacional não seja uma questão indiferente.

Não admira, por isso, que para muitos investigadores a realidade específica do seu pluricentrismo seja uma faceta importante do português. Augusto Soares da Silva em “O português como língua pluricêntrica: indicadores linguísticos e sociais e novos métodos de investigação” caracteriza o portu-

guês como uma língua de pluricentrismo simétrico, levando a que as normas internacionais de maior atratibilidade sejam a brasileira e a portuguesa. Depois de apresentar algumas diferenças entre o Português Europeu (PE) e o Português Brasileiro (PB), refere igualmente uma questão que, por vezes, fica esquecida no PB: a inexistência de uma norma única, o que leva a uma real situação de diglossia entre a idealização normativa e a fala real dos grandes centros urbanos. Mas, mesmo assim, idealizando o PB como detentor de uma norma genericamente aceite, essa norma tem vindo a aproximar-se ou a divergir da norma do PE? O autor apresenta um estudo sociolectométrico sobre hipótese da divergência entre o PE e o PB que parece evidenciar que, pelo menos em determinadas áreas lexicais, a divergência confirma um pluricentrismo simétrico entre as duas variantes.

Dada esta particular situação da língua, que consequências se seguem para as abordagens que a ela terão que ser feitas, nomeadamente ao nível do seu estudo para poder ser oferecida como língua facilitadora da comunicação internacional? Hanna Batoréo procura ajudar a responder à tarefa através da questão “Que gramática(s) temos para estudar o português língua pluricêntrica?”.

Para a autora, a análise das recentes gramáticas do português, aparecidas tanto em Portugal como no Brasil, mostra que não tem havido grande preocupação com o conhecimento mútuo e a procura de entendimento. Não admira, por isso, que, sobretudo do lado de lá do Atlântico, surjam posturas que reivindicam uma maior autonomia linguística que a designação “português brasileiro” (e não apenas “Português do Brasil”) evidencia. As gramáticas elaboradas, quer em Portugal, quer no Brasil, não têm a pluricentricidade do português como ponto de partida, preocupando-se apenas, cada uma, com a sua variedade nacional. Para corresponder à realidade do português como língua partilhada, será necessária a construção de uma gramática do português como língua pluricêntrica.

Este voltar costas mútuo entre as duas variantes mais importantes acarreta implicações ameaçadoras que não são percecionadas pelos defensores intransigentes de uma das normas como norma a impor-se internacionalmente. Essa percepção talvez seja mais pragmaticamente sentida por quem vê a problemática do exterior, como o faz Roberto Mulinacci. Provocatoriamente (como assume) em “Não falem Português, falem Brasilês. Algumas notas sobre a noção de português como ‘Língua Internacional’” o autor

reflete sobre as principais questões que se colocam para o português poder afirmar-se como uma língua verdadeiramente internacional. Uma língua que reivindique este estatuto tem de, defende o autor, deixar de ser a língua de uma só nação para ser a língua de todos sem ser de ninguém. Ora a língua portuguesa, porque frequentemente aparece identificada ou com a variante brasileira (supostamente) pura ou com a variante portuguesa (também supostamente) pura terá dificuldade, se não sair destes monolitismos, em transformar-se numa verdadeira língua de comunicação internacional. A provocação de referir o uso do “Brasilês” (imitando o termo *Globish* para o inglês internacional) pretende evidenciar a necessidade de, por vezes, o nacionalismo linguístico ter que ser secundarizado quando se pretende mesmo a imposição internacional da língua. Para Roberto Mulinacci, o português para ser língua internacional precisa de construir um português internacional como nova língua.

No mesmo sentido de que realmente é preciso que o português ponha de lado anquiloses do passado para ser verdadeiramente uma língua presente e usada na comunicação global, Onésimo Almeida em “Algumas reflexões sobre lusofonia - o que ela não pode, nem deve ser” chama a atenção de como o conceito que aparentemente deveria facilitar o incremento da internacionalização da língua unificando um grupo (“Lusofonia”) acaba, muitas vezes, por produzir incómodos e resultados contrários aos pretendidos.

Mostrando os perigos das visões animistas e patrióticas das línguas, de quem vê nas línguas “almas nacionais”, relembra como estas visões que aproveitam extremadamente a velha hipótese de Sapir-Whorf e a embrulham em contextos da cultura nacional (no caso, na cultura portuguesa) podem ser entraves a uma verdadeira comunidade linguística multinacional.

Os processos históricos, ainda muito recentes na constituição da comunidade internacional dos países falantes de português, não podem ser entraves –defende- mas, antes, potenciais criadores de uma verdadeira comunidade. Para isso, pode ser necessário esquecer triunfalismos e imperialismos anacrónicos e adotar uma atitude realista perante os contextos atuais. Isso não implica, opina o autor, unanimismo, mas sim o debate múltiplo acerca de projetos práticos que verdadeiramente reforcem o conceito que a palavra “Lusofonia” quer ter mas que nem sempre consegue.

Para além das questões internas à Lusofonia, fator importante para o fortalecimento internacional do português é o do seu aparecimento como

opção linguística nos sistemas de ensino dos outros países. A esse respeito, Iva Svobodová em “O Português como Língua Estrangeira na República Checa” fornece dados interessantes, na medida em que dá a conhecer um ambiente geográfico (o centro da Europa) que não tinha grande tradição de interesse pela língua e cultura portuguesas. A autora constata a ascensão bastante rápida do português no sistema universitário da República Checa, que passou de, aproximadamente, 50 alunos universitários em todo o país nos anos 90 do século passado, para 568 em 2015. A autora apresenta o resultado de inquéritos que revelam os principais motivos que levam os alunos a escolherem o português como língua estrangeira, bem assim como as aspetos mais problemáticos que os mesmos enfrentam durante o processo de aprendizagem.

Se o português como língua estrangeira é uma fatia facilmente visível do grupo global dos falantes, há outros grupos que frequentemente ou não são contabilizados ou são entendidos como de pouca importância nas contas e números finais. É o caso dos falantes de português que não o usam como língua principal no seu dia-a-dia mas o “herdaram” por serem descendentes de quem o tinha como língua materna.

Cristina M. M. Flores aborda essa questão em “Um olhar sobre o processo de aquisição da linguagem através do estudo do Português como Língua de Herança”. Depois de evidenciar que a língua de herança tem especificidades que a distinguem quer de uma língua segunda ou estrangeira quer de uma língua materna, a autora procura explicar as razões que justificam o interesse em estudar línguas de herança. Toda a problemática e a aquisição das línguas de herança, para além de mostrarem dinâmicas socioculturais ligadas às línguas em diáspora e aos seus utilizadores, são um campo fértil para investigar processos de aquisição da linguagem e de bilinguismo, presente em diversos graus em muitos falantes e descendentes que tiveram o português ou como língua materna própria ou a receberam dos seus progenitores.

Mas o que faz a grandeza de uma língua não é só o número dos seus falantes, quer eles a tenham como de herança, língua materna ou aprendido como língua segunda ou estrangeira. O sucesso de uma língua (e a sua resiliência na globalidade depende disso) resulta sobretudo de ela ser usada em ambientes e contextos prestigiantes. Entre esses usos, está o de ser uma “língua de ciência”, ou seja, uma língua usada para se poder transmitir ciência

e fazer o debate científico. É isso que o organizador deste volume aborda em “Português, língua de ciência?”. Sendo o inglês o veículo cada vez mais exclusivo das publicações científicas, compreende-se o magnetismo do seu uso, o que não implica que tenha de ter a exclusividade em todas as áreas de investigação. O autor mostra que há vantagens técnicas e metodológicas em usar o português como língua científica em vários casos e defende que o menosprezo que os poderes públicos (e muitos investigadores, inclusive nas áreas da língua) em Portugal devotam à ciência feita em português em nada contribui para o prestígio do português.

Podem encontrar-se, assim, neste volume, vários contributos para múltiplas reflexões sobre diversas questões que o português encontra hoje num mundo cada vez mais global, de comunicações instantâneas que, pela globalização galopante do inglês, parece caminhar para uma asfixia linguística. Para alguns, isto é uma inevitabilidade. Pensamos, contudo, que esta visão pessimista não vê muitos lados de uma questão complexa e multifacetada. Não vê que as línguas têm uma dimensão cognitiva, emotiva e que a palavra *mãe*, posposta a *língua*, não é um pormenor: é muito difícil abandonar uma mãe, ainda que muitos nos digam que podemos escolher ou querer ser filhos de outra que oferece mais garantias. Se há línguas (milhares!) que desaparecem a um ritmo acelerado, os grandes grupos mantêm-se com alguma estabilidade. E a tecnologia contribuirá mais –podemos acreditar– para a sua preservação do que para o seu desaparecimento. A facilidade da tradução automática, por exemplo, a isso ajudará. O que é preciso, é que os falantes dos principais grupos linguísticos (como o português) entendam que uma língua global não é apenas a “sua” língua nem a língua do “seu país” e que tenham o orgulho e a humildade *suficiente* de reconhecerem que o português é a língua de todos os que a usam. E se nesses usos nem todos utilizarem exatamente os mesmos sons ou as mesmas palavras e se de cada canto do globo, do Brasil à Europa, da África a Timor forem chegando tons e matizes diferentes ao desejado português internacional, isso não significa perda, mas ganho: ganharemos uma verdadeira língua falada por centenas de milhões e que há 500 anos era apenas usada por um único milhão num pequeno pedaço de terra junto ao Atlântico.

José Teixeira

(Presidente do Centro de Estudos Lusíadas)